
“Todos podem fazer ginástica?”

Colégio Maxwell

Prof. Marcos Ribeiro das Neves

Este projeto teve início no segundo semestre do ano de 2008, em entrevista com a coordenação do colégio no momento de minha contratação, foram levantados alguns problemas que para a direção prejudicava muito o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Uma das maiores dificuldades da escola, era o fato de enfrentar uma grande rotatividade de professores que assumiam as aulas no começo do ano e depois que recebiam novas propostas de trabalho, simplesmente pediam para sair, e que os estudantes sentiam muito as mudanças, segundo a coordenadora, o tempo máximo que um professor de Educação Física ficou na escola, foram dois meses, e que aconteciam estes problemas com outras matérias também, mas no caso da Educação Física, as trocas eram mais frequentes.

Iniciei os trabalhos junto à turma da 7ª série por meio de uma questão escrita no quadro Qual conteúdo eles gostariam de estudar neste semestre? Acompanhada de algumas sugestões: esportes, danças, lutas, brincadeiras ou ginásticas.

Os meninos começaram a pedir pra jogar futebol, e as meninas disseram que não!

O diálogo foi pautado por estas discussões, e eles foram questionados com algumas perguntas do tipo: O porquê de tal manifestação (no caso do futebol). E o quê as meninas sentiam quando o professor aceitava a idéia? Qual eram suas sensações?

Uma das estudantes, Roberta¹, dirigiu-se a mim dizendo:

Toda vez que chega professor novo na escola, os meninos ficam infernizando para jogar bola e quando nós vamos jogar com eles, eles ficam tirando sarro de nossa cara, e chutando a bola com força, e que eles poderiam por exemplo, nos ensinar, quais são as posições dos jogadores dentro do campo, ou pra eles organizarem um seminário para nós estudarmos sobre a manifestação.

A Camila disse que isto poderia ser legal, e que não queria ficar só jogando, jogando, jogando. Os meninos começaram a se posicionar, disseram que queriam jogar bola e acabou,

¹ Visando preservar a identidade dos alunos, todos os nomes utilizados são fictícios.

e que as aulas de Educação Física era para isto, ou seja, eles tinham um certo fetiche², de aula como diversão e preparação para atletas.

Desta vez, dirigi-lhes a pergunta:

Por que vocês acham que a escola é um espaço de se jogar bola?

Renato disse: *que não sai na rua, e que vê na escola a única possibilidade de realizar a prática.*

Comecei a questioná-los procurando situá-los na condição das colegas: E se fosse com vocês? E se vocês estivessem no lugar das meninas, quais seriam suas sensações?

Paulo respondeu:

Não sei, só sei que essas meninas são ruins, não sabem jogar nada!

As meninas quando questionadas sobre qual manifestação iriam estudar, sugeriram a manifestação de Ginástica Artística e a Ginástica Rítmica, os meninos, prontamente, disseram que não, por que eles não sabem nada e na escola não teria espaço para pular do cavalo. Aonde eles iriam fazer ginástica?.

Rodrigo, perguntou o quê era isso, e eu pedi pra ele perguntar para a colega de sala que tivesse algumas informações sobre a Ginástica Artística.

Roberta, explicou que a Ginástica Artística era o que a Daiane dos Santos³ treinava e a Ginástica Rítmica era com as fitas.

E começou a dar um monte de sugestões para trabalharmos nas aulas de Educação Física, segundo a Roberta, *na coreografia poderíamos usar a fita e diversos materiais alternativos, como garrafas e pedaços de cabo de vassoura, podemos trazer um cd com diversas músicas também.*

Já os estudantes Paulo e Renato, disseram: *professor, ginástica é coisa de mulher, nosso negócio é jogar futebol, aulas de Educação Física é pra isto.*

E a sala sugeriu estudarmos as duas manifestações. Eu perguntei o que os colegas achavam da idéia? Alguns acharam interessante. Paulo já queria levantar pra ir pra quadra, e eu disse que não iríamos a lugar algum, sem antes definirmos o que estudar nesse semestre. Os questionamentos nas aulas continuaram, e eu perguntei, como os meninos poderiam fazer

² Apropriei-me da noção de fetiche discutida pelo curricularista brasileiro Tomaz Tadeu da Silva, para quem, o fetiche denuncia a ambigüidade das coisas.

³ Daiane dos Santos, atleta gaúcha, componente da equipe brasileira de Ginástica Artística.

para que as meninas melhorassem a leitura delas sobre o futebol? Poderíamos jogar no vídeo-game?, questionei.

Perguntaram-me se eu estava louco, pois, Renato, passou suas férias inteiras dentro de casa e não aguentava mais jogar vídeo-game. Já o Paulo, disse que seria uma boa, não tinha em sua casa e gostaria de jogar sim. E como seriam as aulas? Eles definiram que poderia ser uma aula de futebol e outra de ginástica.

Com base no posicionamento coletivo, perguntei se todos estavam de acordo. As meninas disseram que por elas seria uma boa, que todas iriam participar.

Naquele dia, percebi que o currículo da escola, nas aulas de Educação Física estava colonizado por manifestações hegemônicas masculinas e, por conta disso, os estudantes estavam com dificuldades de visualizar dentro do ambiente escolar outros tipos de manifestações da cultura corporal. Se eu definisse que as aulas alternariam as duas manifestações, iria contribuir ainda mais para que as diferenças continuassem, então, precisei optar por uma delas e a Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) poderia ser o primeiro passo para que as vozes das meninas começassem a ser valorizada dentro do currículo de Educação Física, e seria bom para trabalhar as relações de poder e os problemas de preconceito de gênero por mim identificados nos posicionamentos de alguns alunos com relação às habilidades demonstradas pelas colegas.

Definida a GRD, avisei-os sobre qual manifestação iriam estudar naquele semestre. Foi então que emergiram várias manifestações sobre preconceito de gênero:

Ginástica é coisa de mulher, não sou gay pra fazer ginástica, por que as meninas foram falar de ginástica, deveriam ficar quietas.

A partir daí, foi escolhido como Tema Gerador para aquele período letivo, o questionamento: Todos podem fazer ginástica?, sendo a manifestação, Ginástica Rítmica Desportiva, o nosso objeto de estudo.

Visando mapear os saberes dos estudantes referentes à manifestação GRD, foram elaboradas algumas perguntas: O que é ginástica? Quais os tipos de ginástica? Qual a diferença entre elas? Quais são os movimentos realizados na ginástica?

Por meio destas questões, foi identificado que os estudantes pouco sabiam sobre a GRD, e que o maior ponto de contato que eles tiveram com ela deu-se através da mídia.

Notei que o excesso de questionamento aos estudantes, estavam, de certa forma, contribuindo para o desinteresse do grupo.

Na continuidade das aulas coloquei um tatãme, no qual foram convidados a realizar movimentos de ginástica e construir uma lista com movimentos que surgiram. A turma realizou estrela, cambalhota, rolamentos, avião, bananeira ou parada de mão, algumas alunas fizeram movimentos da ballet, mas não sabiam dizer o nome, alguns não se arriscaram e, ainda outros, apoiaram os colegas durante sua movimentação.

No decorrer das aulas pude identificar algumas aproximações entre meninos e meninas, não com sentido competitivo, mas em um momento de cooperação por parte dos estudantes.

Estas foram as primeiras aproximações dos estudantes com a manifestação no interior da escola. Nos encontros seguintes, a partir dos movimentos que eles vivenciaram da aula anterior e também sobre a representação que eles tinham da ginástica, pedi para explorarem os materiais característicos da GRD, fita, arco, bola e maçãs, que ficaram dispostos no centro do espaço da quadra de esportes.

Todos se aproximaram do material com grande entusiasmo, as meninas pegaram a corda e a fita e começaram a fazer alguns movimentos, os meninos se aproximaram da maçã e da bola.

Depois desta aula, foi pedido a eles uma busca, por meio de internet, sobre algumas informações sobre a manifestação, eles trouxeram regras, nome dos movimentos, histórico e origem, entretanto, como nós estávamos trabalhando só com os movimentos, precisei romper com a idéia estruturalista de trabalho nas aulas de Educação Física. Para que trazer todas as informações sobre GRD, se nós estávamos trabalhando os movimentos? Então, foram separadas só as informações que iríamos utilizar na aula, como os estudantes estavam tendo contato com a gestualidade da manifestação, históricos e origem ficaram de fora, naquele momento não seria apropriado estarem em contato com estas informações.

Em uma das vivências ginásticas, depois de buscar alguns movimentos e ampliar os conhecimentos relacionados a eles, através da busca pela internet, surgiram narrativas de preconceito de gênero, um dos estudantes disse que realizar movimentos de ginástica com a fita era coisa de bicha⁴.

⁴ Bicha, termo pejorativo comumente empregado pelo grupo com referência aos homossexuais.

No decorrer dos encontros, comecei a aula falando sobre o trabalho, depois perguntei se eles haviam comentado sobre o projeto de Educação Física com alguém de fora da escola?

Rodrigo, disse que não era louco, os meninos iriam chamá-lo de gay.

Comecei a interrogá-los e as perguntas que nortearam a discussão foram: O que é ser gay? Se eles conhecem? Se eles sofrem preconceitos na sociedade? Quais os tipos de violência que essas pessoas sofrem? O e se eles acham certo estas pessoas serem discriminadas?

Segundo Paulo, Renato e Rodrigo, *ser gay é homens namorando outros homens. É opção sexual. Homem beijar outros homens. É namorar outros homens.*

Já Roberta, por ter mais contatos com o público gay, disse, que conhece dois amigos que são ótimas pessoas. Todos disseram que conhecem, e que na tv também tem bastante, a favorita, duas caras, e “alexandre o grande”, são filmes e novelas que discutem em algum momento sobre a cultura gay, e sobre o assunto relacionado ao homossexualismo.

Rodrigo disse: *que muitos apanham na rua, as pessoas dão risadas deles também.*

E que outro dia passou na televisão que bateram em uns gays até morrerem!

Nesta aula permitiu-se identificar preconceitos por parte dos estudantes e a mídia como colaborada deste problema. A partir daí, organizei um material que pudesse discutir os problemas que nortearam as discussões. Escolhi dois textos, um que abordava a lei de combate à homofobia e as mobilizações para a aprovação da lei e as reivindicações da comunidade GLBT. O outro texto discutia uma violência que um transexual brasileiro foi espancado até a morte por jovens italianos ao negar relações sexuais de graça, fato que gerou sua morte.

E um folheto com a reivindicação de um político que é contra a legalização da lei de combate à homofobia.

No começo do encontro, formei três grupos e separei os textos, os estudantes tiveram que ler e discutir sobre o conteúdo dos textos e depois foi colocado algumas perguntas na lousa, para eles responderem: O que é homofobia? Quais eram as reivindicações da comunidade GLBT? Quais eram as reivindicações da lei? E o que gerou a violência sobre o transexual, comente? E quais eram suas opiniões sobre esta problemática?

Organizei um mesa redonda aonde cada um teria que falar um pouco sobre o conteúdo que leu e responder as perguntas relacionadas ao texto.

Pensando sobre isto, pude observar que as informações organizadas por mim, foram apenas uma discussão que pouco adiantou nos conflitos gerados pela manifestação,

precisamos estar alerta sobre as informações selecionadas aos estudantes, neste caso a informação foi desnecessária e pouco crítica, fato que a avaliação diagnóstica me permitiu constatar.

Em prosseguimento às atividades de ensino, eles assistiram em DVD levados por mim para à escola, que continha dois trechos: uma ginasta realizando movimentos básicos e uma apresentação oficial, e o outro, trouxe imagens gravadas em uma escola com crianças realizando movimentos de GRD nas aulas de Educação Física.

Neste momento, os estudantes/as através de um questionário elaborado por mim, tiveram que identificar a gestualidade característica da GRD, como saltos, movimentos com as pernas e com os braços, giros, estrelinha, levantar um dos pés, cambalhotas, mortal utilizando as mãos como apoio no momento do giro, giros com a fita, serpentina, espirais, lançamentos, avião, espirais com a fita e avião, cambalhotas lançando a fita para o alto, flipper girando o braço com a fita, passos de dança.

E uma questão, que eles teriam que identificar gestualidades que eles consideravam ser da cultura gay, que segundo Paulo e Amanda, *girar, pular e jogar à fita ao mesmo tempo, certos saltos que são muito livre e repetitivo, são coisas de gay.*

Durante a aula surgiu algumas narrativas do tipo: *não sabia que tinha ginástica assim na escola! Você viu? Os meninos fazem também! Pensei que estas praticas só aconteciam em clubes, na escola pode ter?*

Durante as aulas do projeto, um dos meninos me disse que não iria fazer apresentação nenhuma, que o professor de História ficou sabendo do projeto de GRD, e ficou ridicularizando-os, dizendo que teriam que fazer uma apresentação pra escola toda com a fitinha na mão, isto me possibilitou identificar, que atores presentes na escola também colaboram para que certos preconceitos apareçam, neste caso foi o próprio professor com suas posições inadequadas que contribuiu para a reprodução de visões preconceituosas.

Durante o projeto, no início de uma das aulas, fui chamado pela coordenadora do colégio para receber um novo estudante na escola, o garoto de nome Rodhian, me disse que já teve GRD na escola que estudava, segundo ele, foi um pouco difícil, tinha algumas dificuldades em manipular os materiais e ficava meio inibido perante os colegas com medo de errar, mais gostou muito de experiência.

O estudante foi convidado por mim para relatar sua experiência de ginástica na outra escola: segundo ele: *tivemos a GRD, mas o professor trabalhou mais com as maçãs, e nem por isto eu deixei de ter minha sexualidade comprometida por fazer a aula! Que todo ano eles tinham contato com conteúdos diferentes, não era só jogar bola.*

Continuei trabalhando com o recurso de mídia, utilizando à fita de DVD da GRD com a vivência de outros materiais dentro da escola, e com apresentações da GRD individual e em grupo profissional, e os estudantes tiveram que responder duas perguntas, que foram colocadas na lousa do colégio e através de uma folha de caderno eles teriam que registra e depois socializarem com os outros, foram duas as perguntas que nortearam a aula: Registre os movimentos e as gestualidades que você achar interessante para vivenciar? Analise a formação da coreografia individual e em grupo, e faça algumas observações sobre seus elementos?

Através deste recurso pedagógico, eles puderam identificar diversos movimento que dentro do ambiente escolar e de acordo com suas próprias condições pudessem vivenciar, como, saltos com a corda aberta, saltos isolados, giro da corda com a rotação dos braços, saltos combinado, passadas duplas, saltos cruzados e de abertura, todos os movimentos com o balanço, piruetas com lançamentos, balanços, pular dentro do arco, lançamentos com rotações, quicar a bola com as mãos e com os pés, equilíbrios, lançamentos, passar a bola pelo corpo dando impressão que a bola faz parte do corpo, fazer um chapéu mexicano e pegar com as mãos, etc.

Em relação a formação da apresentação, na individual é feita, o atleta ou aluno deve usar todas as partes do tablado realizando os movimentos, deve fazer a apresentação de acordo com a música, na apresentação em grupo, podem fazer todos os movimentos juntos, utilizar materiais iguais, mas pode ser diferentes também, jogar os materiais uns para os outros, ficar por todo o tablado, tem que ter sincronia, formar figuras, a música deve ser agitada, ficar o tempo todo em movimento pelo tablado, o uniforme tem que ser igual.

No final da aula, conversamos sobre a dificuldade que eu teria de trazer vários materiais e se eles poderiam me dar algumas sugestões, eles disseram que poderiam me ajudar sim, e o grupo começou a se organizar para trazer os materiais, fato que permitiu-me constatar a emergência de um trabalho em grupo.

Em outro momento, começamos a trabalhar com coreografias. Neste caso, os estudantes teriam que se organizar para montar as apresentações de GRD com os materiais que estivessem disponíveis na aula, já que uma das grandes dificuldades que nós encontrávamos para desenvolver o projeto, era a falta de materiais, desde de o som, e o aparelho de DVD citado anteriormente, até os materiais característicos da GRD, que foram trazidos por mim, a escola, naquela aula nos tínhamos como materiais para se trabalhar, duas bolas e três cordas.

Como o grupo já possuía uma lista com movimentos da GRD, em roda de conversa, falei pra eles que até o final da aula teriam que construir uma outra lista de movimentos da GRD para compor uma apresentação. Os movimentos da lista seriam aqueles vivenciados por eles, e que cada um poderia vivenciar o material que achasse mais interessante, como poderia ter trocar de materiais também durante a aula. Devolvi as anotações da aula passada e cada um pegou sua própria lista e foi fazer a atividade com base em suas anotações.

Os meninos começaram a vivenciar a bola e o arco, enquanto as meninas se aproximaram da corda e da fita. Uma das estudantes ficou empolgada porque conseguiu fazer alguns movimentos com a fita e foi falar para a outra. Também me chamou para eu ver o que ela estava conseguindo fazer, entretanto, ao permitir que os meninos e meninas vivenciassem os movimentos em grupos separados, percebi que, talvez, indiretamente minha ação pedagógica estava fortalecendo essas certas diferenças, ao invés de contribuir para dissipá-las.

Nessa ocasião, lhes perguntei: como poderíamos fazer para construir uma apresentação de GRD em que as pessoas olhassem e identificassem como uma apresentação com gestualidade masculinas?

Todos disseram que não havia problema nenhum, era só pegar os movimentos e transformá-los.

Se por um lado os estudantes já conseguiam identificar o ambiente escolar como um espaço social diferente dos outros que utilizam o esporte para competir e reproduzir o que já foi criado, aqui, constatei outro erro didático que essencializa as diferenças. Tratava-se de construir uma apresentação masculina e dizer que a GRD é feminina. De fato é, mas isto acaba contribuindo para a representação hegemônica que a mídia constrói sobre esta manifestação, que, a todo custo, não poderia ser naturalizada dentro do espaço escolar.

Para romper um pouco com a representação que os estudantes/as tinham da GRD como esporte que só as mulheres praticam, utilizei um texto sobre o histórico da manifestação que

no começo do projeto eles trouxeram, mas que na ocasião ficou de fora, porque, no momento estávamos estudando a gestualidade da manifestação, estes textos traziam informações dizendo que a GRD foi criada por um professor de Educação Física e, que no Japão os homens fizeram algumas alterações para que eles pudessem praticá-las.

Dei início à atividade, questionando-os sobre a origem da GRD, e quem eles achavam que havia criado?

Para eles a GRD foi construída por mulheres.

E como eles achavam que a ginástica sofreu alterações até chegar a GRD com os diversos materiais utilizados?

Segundo o grupo, as mulheres colocaram música e os materiais como bola, fita, arco e maças.

Através desta ação pedagógica, o grupo descobriu que a GRD surgiu da Ginástica Artística. Foi criada por um professor de Educação Física que adicionou os materiais e aos poucos foi introduzindo música e outros elementos para que as mulheres pudessem praticar.

No Brasil, sofreu várias alterações até ser chamada de Ginástica Rítmica e no Japão ganhou uma versão masculina, aonde os homens realizam a prática com outros materiais, pude constatar também, como o discurso deles sofreu uma hibridização discursiva⁵, utilizando outro tipo de texto, pois a mídia televisiva reforçava uma certa representação de GRD como sendo coisa exclusivamente de mulher, agora eles sabem também, que não são só mulheres que praticam e que não foram elas que inventaram.

Outro fato importante nas aulas, foi quando a coordenadora veio pedir pra eu organizar uma gincana que naquela semana eles estariam comemorando o dia das crianças, ao chegar de manhã no colégio, fui informado que eles não teriam aula sobre o projeto, mas que eu teria que montar uma gincana pra eles, imediatamente neguei, e expliquei que gincana naquele momento não iria contribuir para nada, na verdade iria atrapalhar e muito, mas “respeitava” as definições do colégio, mas antes eu iria perguntar para os estudantes o que eles achavam.

Quando os estudantes foram questionados sobre o que eles achavam, disseram que preferiam a aula, as meninas se posicionaram perante aos meninos e disseram que queriam a

⁵ No entendimento do educador estadunidense Peter McLaren, hibridização discursiva é a possibilidade de construção de uma linguagem híbrida, ou seja, daquela que cruza as fronteiras culturais, incorporando discursos múltiplos, reconhecendo a pluralidade e a provisoriabilidade de tais discursos.

aula, ou seja, se por um momento elas sofriam com o poder que os meninos exerciam sobre elas, e agora elas já conseguiam se posicionar melhor, fato que não foi constatado quando o conteúdo do currículo representava à voz dos meninos.

No decorrer do projeto foi possível identificar a dificuldade que os estudantes tinham de se apropriar da gestualidade da GRD. Em uma das vivências ginásticas, foi pedido a eles para construir uma apresentação de GRD e, no final da apresentação, relatar tudo o que ocorreu, desde a montagem da apresentação, até a contribuição de cada um do grupo. Após montarem a apresentação, teriam que escrever em uma única folha suas análises e, em roda de conversa, discutir os pontos que acharam relevantes. Eis, um dos relatos:

*Bom, no vídeo que assistimos, os movimentos eram bem diferentes do que nós fizemos hoje, nós não fizemos nenhum movimento parecido com a fita de DVD, pois não treinamos muito com esse objeto, e fizemos uma apresentação diferente. Na nossa apresentação **não teve sincronismo, e nem movimentos com a ginástica**, fizemos movimentos do dia-a-dia, movimentos parecido com outros esportes, movimentos improvisados.*

Depois deste relato, na aula seguinte foi organizada uma atividade em que os estudantes tiveram que realizar movimentos da GRD com diversos materiais para se apropriarem daquela gestualidade característica da manifestação GRD, e construir uma nova apresentação, um dos estudantes Paulo com os dedos machucados ficou responsável por fazer o relatório da aula, depois ele se posicionou perante o grupo e leu seu relato:

Na apresentação de vocês teve saltos com a corda, movimentos individuais, giros com a corda, falta de organização do grupo, muitas reclamações e fala de respeito com o professor, faltou diálogo entre meninos e meninas, estes problemas fez com que a apresentação ficasse péssima.

Durante as discussões na roda de conversa no final da aula, o próprio Paulo dirigiu-se a mim, dizendo para os outros que achava muito importante eles terem a possibilidade de relatarem a apresentação dos colegas e que isto fez ele observar a importância de registrar e analisar a aula.

Para que todos tivessem acesso à produção de relato, o dispositivo de diferenciação pedagógica⁶ foi organizado da seguinte forma, duas estudantes seriam responsáveis por relatar a aula, e o resto do grupo ficaria responsável pela produção da apresentação, no final da aula, quando as meninas abriram para o grupo seu relato, os meninos começaram a dizer que elas não poderiam expor o nome de nenhum colega, e que eles não concordavam com seus escritos.

Neste momento, eclodiu uma intensa discussão. Segundo as meninas, elas apenas relataram o que viram e mais nada, mas ao que parece, os meninos não aceitaram as colocações das colegas. Após o debate, o mesmo grupo procurou melhorar a apresentação, que foi assim relatada pelas meninas:

Hoje começamos bom, todos estão organizados, participando, montando movimentos, trouxeram material. Eles estão conversando, nossa amiga está dando opinião e o grupo está entendendo mais Bom, tem movimentos da GRD, isso que é o importante, a apresentação melhorou muito. Nossa opinião está dada. Já que a outra estava errada, a gente colocou como eles querem.

No momento em que as meninas que relataram a última apresentação passaram para a produção da apresentação de GRD, e o outro grupo passou a relatar a aula, o medo das meninas era que os meninos levassem para o lado pessoal, como eles estavam anunciando.

Então, eu dividi o grupo de quatro estudantes em dois, ficando dois grupos para analisar as atividades, para depois confrontarem os relatos e dar soluções aos problemas identificados.

Me aproximei do grupo que iria construir a apresentação para apoiá-los. Percebi que a turma já não reclamava mais da GRD, e que as relações de poder sobre gênero estavam se manifestando nos relatos e não mais com relação às vivências da GRD.

No começo, as meninas ficaram um pouco nervosas com o grupo que estava registrando, ao ponto de uma das estudantes se aproximar do grupo e pedir para que eles fossem justos ao relatar a apresentação.

Um fato importante que ocorreu durante a aula deu-se durante a montagem da apresentação, um dos estudantes iniciou uma discussão, dizendo que queria realizar movimentos com a fita. De posse do material, executou gestos que ele próprio, em outro

⁶ Os dispositivos de diferenciação pedagógica, segundo o sociólogo britânico Basil Bernstein, concebem formas (materiais, estratégias de ação) que, respeitando, valorizando, potencializando interesses e características socioculturais dos alunos, conseguem desencadear aprendizagens significativas previstas no currículo.

momento, considerara pertencentes à cultura gay. Surpreendentemente, essa atitude não foi alvo de qualquer narrativa preconceituosa por parte da turma.

Depois da apresentação, os grupos apresentaram os seguintes registros:

A aula hoje começou um pouco bagunçada e até agora o grupo não se reuniu. Mas estão começando a se reunir e ai vimos a apresentação, após reunidos começaram a reunir no ensaio, estão realizando alguns movimentos de GRD e hoje a aula foi paralizada por causa de um acidente que a nossa amiga sofreu cuja a corda bateu no olho dela, e por isso a aula foi ficou paralizada em alguns instantes, , mas a aula já ira ser retomada para nós vermos a apresentação, as alunas começaram a “tirar” o jurado número 2 (Diego).

Apresentação começa, com muitos movimentos de GRD e está muito boa, todo mundo de parabéns e mesmo com os atrasos ficou muito criativo, embora toda confusão. Ouve brincadeiras com a fita e ouve um acidente inesperado mas tudo ficou bem. Hoje a apresentação melhorou muito, e ficou boa. Parabêns. A aula ficou + ou – mas ouve bastantes movimentos da GRD.

No processo de construção da GRD, utilizei um mecanismo de diferenciação pedagógica em que todos tiveram que montar uma única apresentação de GRD, e que o grupo teria que definir suas opções levando em consideração o posicionamento de todos como acordo coletivo.

Utilizando a lousa, coloquei o nome que que eles teriam que elaborar para a GRD da escola, que o grupo definiu como GRD Maxwell.

Quais os materiais que eles iriam utilizar na GRD?

Surgiram desde os materiais característicos da GRD oficial, como fita, bola, arco e maças, até cabo de vasoura, caderno de classe e bola de tênis, o grupo acabou definindo como material, a fita e o cabo de vasoura.

Depois, como forma de avaliação final, eles tiveram que optar por algumas alternativas que ficaram expostas no lousa da sala, propostas por mim, que foram: à construção de um gibi, à produção de um mapa com todo o percurso realizado pelo grupo desde o começo do projeto ou uma nova apresentação com filmagem feita por eles.

O grupo optou pela construção de uma outra apresentação, aonde em acordo coletivo discutidos por eles mesmos, todos teriam que utilizar o mesmo material para ficarem sincronizados, e o material escolhido pelo grupo foi a fita.

Durante a apresentação com à fita o grupo elegeu uma pessoa que ficou responsável pela filmagem, e depois em grupo eles editaram a filmagem. Na última aula, eles entregaram o material e todos nós assistimos à edição da fita, ocasião em que surgiram algumas observações: *poderíamos ter feito melhor, os meninos poderiam ter contribuído mais com a apresentação.*

E por último, os estudantes foram questionados acerca da possibilidade de fazer GRD na escola. Responderam afirmativamente. O Rodhian disse que sim, porém, prefere outras coisas, os demais componentes do grupo consideraram interessante o contato com esta manifestação.

Durante o projeto, pude perceber como as relações de poder se manifestam dentro do grupo e a importância de ter no currículo da Educação Física também, conhecimentos que fazem parte da cultura feminina, as meninas vieram mais dispostas para a aula e se posicionaram em diversos momentos importante da aula de Educação Física e mostraram para o grupo seus conhecimentos culturais.